REPRESENTAÇÕES HISTÓRICAS E ORAIS DE NGUNGUNHANE EM *UALALAPI* (1987), DE UNGULANI BA KA KHOSA.

HISTORICAL AND ORAL REPRESENTATIONS OF NGUNGUNHANE IN UALALAPI (1987), BY UNGULANI BA KA KHOSA

Denise Rocha[1]

RESUMO: A finalidade do artigo é contrapor os diversos aspectos da saga de Ngungunhane (c. 1850-1906), o último rei de Gaza, protagonista de *Ualalapi* (1987) do moçambicano Ungulani Ba Ka Khosa, durante seu violento reinado (1884-1895) que estava sendo desafiado pelos portugueses, aflitos com o interesse geoestratégico da Grã-Bretanha. O artigo se justifica, pois Ungulani escreveu o romance para questionar a ideologia do governo da FRELIMO que tentou unificar o país em torno da representação mítica do rei (1985) o qual foi subjugado pelos portugueses e morreu no exílio, nos Açores, esquecendo-se que ele era um invasor das terras no sul de Moçambique. No artigo baseado na teoria da "metaficção historiográfica" (Hutcheon) e da imagem (Burke) se conclui que, no contexto pós-colonial de Moçambique um texto literário, como *Ualalapi*, pode servir de referencial para a reflexão crítica sobre o processo de construção de um herói efetivado pelo governo de Machel.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura moçambicana. *Ualalapi*. Metaficção historiográfica e imagem.

INTRODUÇÃO

No dia 15 de julho de 1985, durante as celebrações do 10. aniversário da independência de Moçambique, a urna de madeira adornada com baixo relevo que continha os restos mortais de Ngungunhane (c. 1850-1906), o último imperador nguni de Gaza, região localizada no sul do país, foi entregue ao presidente Samora Machel (MORENO, 2010, p. 135) em uma cerimônia solene para honrar a memória do herói nacional, que resistiu bravamente até sua captura (1895) ao processo de expansão do colonialismo português.

Da ilha Terceira dos Açores, local do exílio perpétuo do régulo nguni, passando por Lisboa e chegando em Maputo, a trajetória dos restos mortais de Ngungunhane adquiriu uma dimensão mítica, alicerçada em um projeto de construção de uma política de identidade coletiva moçambicana, iniciado em outubro de 1983 por Samora Machel (1933-1986). Em sua visita a Portugal, o líder da FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique) solicitou ao presidente da república, Rodrigues Eanes (MEMÓRIA, 2004, *on-line*), a trasladação do corpo do imperador que jazia no cemitério da cidade de Angra do Heroísmo, juntamente com o do príncipe herdeiro Godide, o de seu tio Molungo e o do régulo Zinaxixe.

[1] Dra. em Literatura e vida social pela Unesp, *campus* de Assis, professora do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Redenção-CE. E-mail: denise@unilab.edu.br.

O objetivo de organizar o regresso do antigo soberano de Gaza era sedimentar a construção de uma narrativa institucional da nação moçambicana que até o século XIX não existia como entidade sociocultural e política una. No entanto, fora habilmente camuflado pelo governo que Ngungunhane era da dinastia dos nguni, um ramo dos zulus do sul da África, que tinha invadido o sul de Moçambique e subjugado de forma violenta diversas etnias, como as dos chopes, tsongas, vandaus e bitongas. (MEMÓRIA, 2004, *on-line*).

Para o escritor Ungulani Ba Ka Khosa, pseudônimo de Francisco Esau Cossa (1957),[2] a iniciativa do presidente Machel em construir um herói unificador teve como finalidade diminuir a perda de seu prestígio interno, conforme declaração publicada no *Metrical*, número 189, edição de 12 de março de 1998 (RIBEIRO, 2005, nota 6, p. 268). Para o autor moçambicano, Ngungunhane foi um déspota sanguinário que não tem o perfil de herói, conforme a construção identitária nacional criada pelo governo de Samora Machel.

Em processo literário de desconstrução do ícone fabricado, Khosa escreveu *Ualalapi*, publicado em 1987,[3] cujo narrador visitou uma aldeia moçambicana para ouvir ao redor de uma fogueira a versão de um ancião *griot* sobre a biografia de Ngungunhane: a violenta usurpação do trono após a morte de seu pai, passando por episódios de opressão física e psicológica de seus súditos até sua captura e embarque em um navio português, como prisioneiro de guerra, para Lisboa seguindo para os Açores.

A narrativa escrita em ordem cronológica abrange testemunhos diversos: os verbais, contados pelo velho senhor, neto de Somapunga, membro da corte, e por Malule e Ciliane, antigos serviçais reais; e os escritos por funcionários civis e militares do governo português e por um médico suíço que são personagens históricas. Os textos ficcionais e históricos foram mesclados com excertos bíblicos e máximas sobre o último imperador de Gaza.

O romance *Ualalapi,* que conferiu ao autor o Grande Prémio de Ficção Moçambicana em1990, apresenta os onze anos (1884-1895) do governo do régulo nguni e será analisado no aspecto das representações históricas e orais de Ngungunhane, conforme a teoria da imagem (Peter Burke) e da "metaficção historiográfica" (Linda Hutcheon).

[2] Ungulani Ba Ka Khosa é o nome tsonga de Francisco Esau Cossa que foi o fundador da revista *Charrua* e autor de várias obras de ficção nas quais usa o português padrão bem como incorpora algumas expressões idiomáticas, ditados populares e provérbios típicos de Moçambique. Outras publicações seguiram: *Os sobreviventes da noite* (2005), *Choriro* (2009) e as coletâneas de contos *Orgia dos loucos* (1990), *Histórias de amor e espanto* (1999) e *No reino dos abutres* (2002).

[3] Na edição de 2013 da Editora Nandyala, de Belo Horizonte, duas palavras referentes ao rei foram escritas de maneiras distintas: Ngungunhane-Ngungunhana e Mudungazi-Mudunganzi.

1 HISTÓRIA E IMAGEM (BURKE) E "METAFICÇÃO HISTORIOGRÁFICA" (HUTCHEON)

Peter Burke (1937), professor emérito de História na Universidade de Cambridge, Inglaterra, enfatiza na obra *Testemunha ocular*: história e imagem, publicada em 2004, que as imagens devem ser usadas para compreensão de outras épocas e que elas não devem ser consideradas somente reflexões de períodos e locais, mas sim extensões dos contextos sociais nos quais foram produzidas.

Para Burke, as imagens, como evidências do passado, são "indícios" os quais se comunicam e que podem ser novas testemunhas na reconstrução de tempos antigos: "[...] as imagens, assim como textos e testemunhos orais, constituem-se numa forma importante de evidência histórica. Elas registram atos de testemunho ocular". (BURKE, 2004, p. 17).

Na obra *Poéticas do pós-modernismo*: História, teoria, ficção, Linda Hutcheon enfatiza que, a partir dos anos 1980, a historiografia oficial, que celebrava os grandes feitos de reis, governadores, generais, entre outros membros da elite colonial, passa a ser contestada no aspecto reflexivo, paródico, didático, irônico e intertextual. Essas narrativas, que são chamadas de "novo romance histórico" ou de "metaficção historiográfica", têm caráter metadiscursivo. O discurso do oprimido, do "ex-cêntrico" presente nessas obras reflete a contestação diante dos mecanismos do poder. (HUTCHEON, 1991, p. 13-14; 250).

Em *Ualalapi,* cuja ação aborda a ascensão e queda do governo de Ngungunhane (1884-1895), o protagonista tem poder no microcosmo moçambicano, mas é considerado na engrenagem colonialista um pequeno joguete disputado pela Grã-Bretanha e Portugal. Sua tumultuada saga vai ser contada, ao redor da fogueira, ao visitante da aldeia por subalternos anciões da sua corte e por um narrador de tradição africana (*griot*).

Ana Mafalda Leite no artigo *Literatura moçambicana*: Herança e Reformulação constata ser "uma constante nas narrativas pós coloniais, que partilham a autobiografia, a narrativa mítica, e utilizam recursos a procedimentos e formas orais". Na cultura interiorana africana, a tradição da arte de narrar se faz presente: "Conversar não é apenas trocar ideias, antes contar histórias que exemplificam as ideias". Para Leite: "Estes novos narradores, repõem na escrita a arte griótica, o maravilhoso do era uma vez e, refrânica e encantatoriamente, vêm contar a forma como se conta, na sua terra, encenando as estratégias narrativas, em simultâneo à narração" (LEITE, 2003, p. 89 e 92).

2 A QUERELA DE PORTUGAL E DA GRÃ-BRETANHA NO SUL DE MOÇAMBIQUE: REFLEXOS NO GOVERNO DE NGUNGUNHANE

O território do régulo nguni interessava a Grã-Bretanha por dois motivos: primeiro, por causa da descoberta de diamantes (1866), em Kimberley, na república *boer* do Transvaal (União Sul Africana), que eram transportados até o porto moçambicano de Lourenço Marques e, segundo, devido ao interesse da coroa inglesa em unificar o Cairo, no Egito, à Colônia do Cabo, na África do Sul, ocupando Moçambique (CABAÇO, 2009, p. 62).

De dimensão imperial, Gaza abrangia o sul e o centro de Moçambique e parte da Rodésia (BRETES, 1989, p. 76). No ano de 1884, o príncipe Mudungazi da etnia dos nguni [4] ordenou o assassinato de Mefamane, seu irmão primogênito, para se tornar rei com o nome de Ngungunhane, [Em *Ualalapi*, esse sangrento evento vai ser narrado nos *Fragmentos do fim (1): Ualalapi,* a primeira narrativa cronológica sobre a ascensão e queda do imperador de Gaza].

Para evitar maiores disputas entre países europeus colonizadores foi organizada a Conferência de Berlim (1884 e 1885) e a solução foi a partilha de grande parte da África. No ano de 1885, Ngungunhane envia uma embaixada para Lisboa, a fim de concretizar o interesse em parceria política e comercial e, na ocasião, foi assinado o Ato de Vassalagem, revogado posteriormente pelo régulo nguni.

O interesse britânico pelas terras de Gaza atingiu uma dura faceta geoestratégica com as expressas ordens para a retirada de tropas portuguesas que seguiam o rio Chire em direção ao Lago Niassa, onde já estavam estabelecidas várias missões escocesas. Portugal recebeu um *Ultimatum* (1890) e evacuou o território imediatamente. (SANTOS, 2007, p. 163 e 168).

No ano de 1890, foi iniciado um projeto de expansão pela British South African Company (BSAC), de Cecil Rhodes, e Ngungunhane colaborou, outorgando à ela uma concessão mineira e o acesso ao mar, mediante pagamento de uma taxa anual e o envio de 1000 espingardas e 20000 cartuchos. (SANTOS, 2007, p. 170).

Humilhado pela Grã-Bretanha por causa do *Ultimatum*, Portugal se irritou com a postura independente do rei de Gaza, considerado vassalo, e foram tomadas medidas para seu aprisionamento. Em 1895, o exército português pilhou e incendiou Mandlakasi, capital do

[4] O povo nguni, um ramo dos zulus, cerca de 1520, penetra no sul de Moçambique e coloniza os chopes, os tsongas, os vandaus e os bitongas. Sochangane, denominado mais tarde de Manukuse, se torna o primeiro rei de Gaza e morre por volta de 1858. Um de seus filhos, Mawewe, usurpa o poder que é reconquistado pelo legítimo herdeiro, Muzila, pai de Mudungazi (Ngungunhane), nascido em 1850. Este também consegue o trono de forma violenta. (PÉLISSIER, 2000, p. 119-128).

império de Ngungunhane que foi detido e humilhado por Mouzinho de Albuquerque (CABAÇO, 2009, p. 64), em Chaimito, a aldeia sagrada.

Escoltados pelas forças portuguesas, a pé, na manhã de 28 de dezembro de 1895, o rei destituído com sete mulheres, Godide, príncipe herdeiro, Molungo, o tio real, Matibejana, régulo de Zixaxa, e suas três concubinas chegam ao rio Limpopo e seguem para Lourenço Marques onde embarcam no vapor "África" (29 de dezembro). Milhares de pessoas saudavam o rei de Portugal e xingavam o imperador deposto. [Essa cena é imortalizada em *Ualalapi* nos *Fragmentos do fim* (6): *O último discurso de Ngungunhane*].

Em Lisboa, no dia 23 de março de 1896, na condição de prisioneiros de guerra, eles desfilam em carro aberto. As mulheres foram exiladas em São Tomé, e Ngungunhane e os outros homens partem no dia 27 de junho de 1896 e desembarcam na Angra do Heroísmo (Ilha Terceira dos Açores), onde foram batizados e alfabetizados. O algoz de Mungunhane, Mouzinho de Albuquerque, se suicida em Lisboa, em 8 de janeiro de 1902, e o rei desterrado morre no dia 23 de dezembro de 1906. (VILHENA, 1995, p. 259).

3 PERFIS DE NGUNGUNHANA EM *UALALAPI*

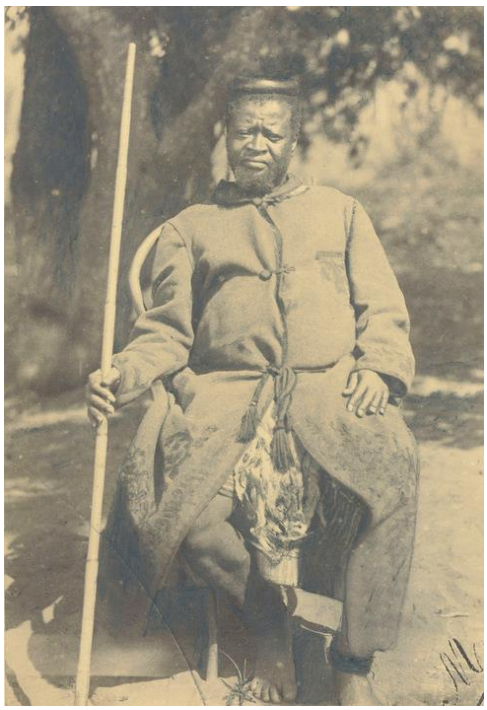

Figura 1- O imperador Ngungunhane
com sua coroa de cera e bastão (1896).

Publicado em 1987, o romance *Ualalapi* inicia-se com uma NOTA DO AUTOR que esclarece a questão dos conceitos da verdade -a histórica e a subjetiva-, por meio dos quais, ele se posiciona a respeito do imperador nguni que se orgulhava da extensão infinita de seu poder político e geográfico:

> É verdade irrefutável que Ngungunhane foi imperador das terras de Gaza na fase última do império. É também verdade que um dos prazeres que cultivou em vida foi a incerteza dos limites reais das terras do seu mando. (KHOSA, 2013, p. 9).

O AUTOR prossegue, destacando uma questão interrogativa sobre o estado de espírito do régulo no final de sua vida, no exílio na ilha Terceira dos Açores, em 1906. Como chefe supremo de várias tribos subjugadas, ele teria meditado na sua solidão que, provavelmente nas várias línguas dos seus súditos não existia a palavra imperador: um conceito que expressa a profundidade do poder e a extensão territorial dos domínios geográficos ocupados. Caso ele tenha refletido sobre a inexistência de uma palavra que expressasse o seu prestígio de senhor de vários povos, a constatação de sua imagem gloriosa adquiriria uma dimensão menor e o abalaria:

> O que se duvida é o facto de Ngungunhane, um dia antes da morte, ter chegado à triste conclusão de que as línguas do seu império não criaram, ao longo da existência do império, a palavra imperador.
> Há quem diga que esta lacuna foi fatal para a sua vida, debilitada pelos longos anos e exílio. (KHOSA, 2013, p. 9).

Ungulani Ba Ka Khosa esclarece na NOTA DO AUTOR sobre as distintas compreensões da palavra especificadora de soberano -rei e imperador- na obra *Ualalapi,* com destaque para o uso da mesma pelos súditos tsongas que viveram próximos a Ngungunhane:

> Saltará à vista do leitor, ao longo da(s) estória(s), a utilização propositada e anárquica das palavras imperador, rei e "*hosi*" — nomeação em língua *tsonga* da palavra rei. (KHOSA, 2013, p. 9).

Fundamentada em trechos de documentos históricos, a obra *Ualalapi* está dividida em seis partes denominadas *Fragmentos do fim*: carta de Ayres d´Ornellas sobre o esplêndido hino de guerra do exército do rei, *Fragmentos do fim (1);* Relatório do Coronel Galhardo sobre a marcha do exército e ataque à Manjacase, capital do reino, *Fragmentos do fim (3);* Relatório do governador militar de Gaza, Joaquim Mouzinho de Albuquerque, ao governador interino da província de Moçambique sobre o encarceramento de Ngungunhane e outros régulos (1896), *Fragmentos do fim (4)* e Palavras de felicitação do Conselheiro Correia,

governador interino da província de Moçambique, ao receber os prisioneiros de guerra das mãos de Mouzinho de Albuquerque, *Fragmentos do fim (5).* Entre esses excertos históricos são narrados episódios, baseados em fontes orais, vinculados à tumultuada trajetória de Ngungunhane e mesclados com elementos sobrenaturais da cosmogonia nguni.

Os eventos relativos à tomada de poder e a derrocada de Ngungunhane (c. 1850-1906) apóiam o pano de fundo histórico do romance *Ualalapi* (1987) que tem a seguinte estrutura: *Nota do autor,* seis *Fragmentos do fim* que são intercalados, em ordem cronológica com episódios relacionados à vida de Ngungunhane: *Ualalapi, A morte de Mputa, Damboia, O cerco ou fragmentos de um cerco, O diário de Manua* e *O último discurso de Ngungunhane.* [5]

3.1 Fontes históricas

[5] A narrativa inicia-se com *Ualalapi* que aborda o traumático evento ocorrido com a personagem homônina, que era um graduado partícipe do exército imperial, o qual sob ordem expressa do príncipe Mudungazi, mata com golpes de lança Mafemane, o herdeiro legítimo dos nguni. Dominado pela sua tia Damboia, o rei usurpador, autodenominado Ngungunhane, começa uma era de terror nas etnias oprimidas, enquanto que os portugueses cercavam as terras de Gaza com expedições militares.

Em *A morte de Mputa,* nome de outro membro da guarda real, rebaixado a cozinheiro, Ngungunhane se revela um déspota cruel que por fofocas injustas de sua primeira mulher, a qual tinha acusado o guerreiro de assédio sexual, ordena a morte do fiel súdito (Mputa). De fato, a rainha tinha sido ignorada e buscara uma vingança pessoal. Domia, a filha de Mputa, seis anos mais tarde, ingressa na casa real com o objetivo de assassinar Ngungunhane que a violenta, por causa de um ardente desejo sexual reprimido, pois suas trinta concubinas menstruavam, incessantemente, havia quatro semanas. A órfã tentou matar a facadas o rei, mas consegui somente desferir um golpe que resultou em uma cicatriz na coxa direita dele. Surpreendido pela ousadia da jovem, ele ordena sua execução, sem remorso algum.

No evento *Damboia,* relativo à tia do rei, são narrados episódios da vida de uma mulher insaciável com intenso apetite sexual que assediava alguns homens e os mandava matar, caso eles não quisessem manter relações sexuais com ela. O último imolado proferiu um final aterrorizante para a devoradora de homens que começou a menstruar, de tal forma, a ponto de seu sobrinho, o rei Ngungunhane, ter mandado cancelar a tradicional festividade do nkuaia: um ritual sagrado anual que terminava com a matança de gado e de um jovem casal para fortalecimento do império. Depois disso, aconteceram bizarros eventos que aterrorizaram os vassalos: uma chuva amarela e pegajosa; o repentino aparecimento de cadáveres sem rosto e nome; o escoar do mênstruo de Damboia a manchar um rio e a matar os peixes, etc. Diante desses episódios sobrenaturais, Ngungunhane se revelou um homem com dupla face: vulnerável e violento, de um lado, ele agia como um sonâmbulo emagrecido e, de outro, ordenou a seu comandante semear a dor e a morte e atacar os súditos chopes.

Em *O cerco ou fragmentos de um cerco*, Maguiguane, o chefe militar, sitia os chopes fortificados e os deixa morrer de inanição, enquanto que eles organizam o ataque final que tingiu a terra de sangue. Esse tipo de confronto militar, de molde europeu, era desconhecido pela tradição que colocava os guerreiros frente a frente, em combates masculinos, travados em áreas abertas. Por causa da mortandade intensa, Ngungunhane se regozija.

No episódio de *´O diário de Manua* são contadas as adversidades do príncipe herdeiro que estudou no liceu de artes e ofícios e retorna em navio para Lourenço Marques, em uma viagem na qual ocorrem assustadores e sobrenaturais eventos, pois ele ingeriu peixe, um alimento interdito pela sua etnia. Totalmente assimilado, o moço inicia a escrita de suas reflexões sobre o reinado despótico paterno e acentua que quando ascendesse ao trono, adotaria os costumes e práticas do homem branco. Na aldeia real, ele não consegue se adaptar, se torna um alcoólatra e é evitado pelo pai.

Em *O último discurso de Ngungunhane*, o imperador aprisionado diante do navio que o levará em exílio perpétuo, se dirige aos súditos presentes e profetiza sobre um terrível futuro com os portugueses.

A questão sobre a veracidade (?) dos episódios históricos foi comentada por Agustina Bessa Luis da seguinte forma: "A História é uma ficção controlada". (LUIS apud KHOSA, 2013, p. 12). A reflexão da consagrada escritora portuguesa tornou-se a epígrafe de *Ualalapi*.

Na página seguinte, depois da NOTA DO AUTOR, surgem trechos que expressam posturas dialéticas sobre Ngungunhane: as opiniões do militar e político, Ayres d'Ornellas (1866-1930), que conviveu pouco tempo na corte do régulo, e as do médico e missionário protestante, George Liengme (1859-1936), que falava a língua nguni e viveu na aldeia real, nos anos 1892 a 1895. Os excertos são elencados em *Ualalapi* na seguinte disposição contínua:

> "Entre estes vinha o Ngungunhane que conheci logo, apesar de nunca lhe ter visto retrato algum; era evidentemente o chefe duma grande raça... É um homem alto ... e sem ter as magníficas feições que tenho notado em tantos seus, tem-nas, sem dúvidas, belas, testa ampla, olhos castanhos e inteligentes e um certo ar de grandeza e superioridade... "Ayres d´ Ornellas.
> "Era um ébrio inveterado. Após qualquer das numerosas orgias a que se entregava, era medonho de ver com os olhos vermelhos, a face tumecfata, a expressão bestial que se tornava diabólica, horrenda, quando nesses momentos se encolerizava". Dr. Liengme.
> "Só direi que admirei o homem, discutindo durante tanto tempo com uma argumentação lúcida e lógica". Ayres d´ Ornellas.
> "... mas toda a sua política era de tal modo falsa, absurda, cheia de duplicidade, que se tornava difícil conhecer os seus verdadeiros sentimentos". Dr. Liengme. (KHOSA, 2013, p. 11).

Ayres d'Ornellas foi o autor de *Cartas d'Africa. Campanhas do Gungunhana. 1895* e *Raças e línguas indígenas em Moçambique*. Observações positivas sobre Ngungunhame foram escritas por ele em oposição às imagens negativas proferidas pelo Dr. George Liengme que na sua obra, *Un Potentat Africain - Goungounyane et son règne* (1901), descreveu o perfil do rei e variados aspectos da cultura dos ngunis. (VILHENA, *on-line*).

A imagem de Ngungunhane, como inimigo derrotado, sentado no chão, tornou-se o símbolo da derrocada do império nguni. Na parte *Fragmentos do fim (4*) foi incluído o relatório do governador militar de Gaza, Joaquim Mouzinho D´Albuquerque, a respeito da prisão do rei (1895):

> Quando vi sair de lá o Régulo Vatua que os tenentes Miranda e Couto reconheceram logo por o terem visto mais de uma vez em Manjacase. Não se pode fazer ideia da arrogância com que respondeu às primeiras perguntas que lhe fiz. Mandei-lhe prender as mãos atrás das costas por um dos dois soldados pretos e disse-lhes que se sentasse. Perguntou-me onde, e como eu lhe apontasse para o chão, respondeu-me muito altivo que estava sujo. Obriguei-o, então, à força a sentar-se no chão (coisa que ele nunca fazia), dizendo-lhe que ele já não era Régulo dos Mangonis, mas um matonga como qualquer outro. (ALBUQUERQUE apud KHOSA, 2013, p. 69).

Nos *Fragmentos do fim (5)* estão incluídas algumas palavras festivas, com data de 6 de janeiro de 1896, escritas pelo Conselheiro Correia, governador interino da província de Moçambique, por ocasião do recebimento dos prisioneiros de guerra das mãos de Mouzinho de Albuquerque:

> Felicito em nome do governo português V. EXA., pelo brilhante feito de armas que acaba de practicar e recebo das suas o ex-régulo de Gaza, Mununga, vulgo Gungunhana, Gogide e Molungo, filho e tio do mesmo Gungunhana, assim como as mulheres deste Namatuco, Fussi, Patihina, Muzamussi, Maxaxa, Hesipe, Dabondi, ex-régulo de Zichacha, Matibejana e mulheres deste Pambone, Oxóca e Debeza, traidores à Pátria que ousaram contra ela levantar armas. (CORREIA apud KHOSA, 2013, p. 87).

Acusadas de traidoras da pátria (Portugal), a realeza nguni - o rei, seu tio Molungo, o príncipe Godide e as sete concubinas reais - e a aristocracia tsonga de Zichacha (Zixaxa) -o régulo Matibejana e suas três mulheres- são aprisionadas na aldeia sagrada de Chaimito, conduzidas até o rio Limpopo e depois para Lourenço Marques. Em *Ualalapi*, somente Ngungunhane surge diante da embarcação que levará o grupo até Lisboa e profere um discurso impressionante para seus súditos e os portugueses.

O narrador de Ungulani Ba Ka Khosa subverte um dos documentos históricos portugueses: o do coronel Galhardo sobre o cerco a Manjacase, a capital do reino de Ngungunhane, e o bombardeio, o saque e o incêndio. Algumas atitudes do militar não inclusas no relatório oficial são reveladas pelo narrador, de maneira paródica:

> -O facto de ter profanado com um ímpio o lhambelo, urinando com algum esforço sobre o estrado onde o Ngungunhane se dirigia na época dos rituais [...].
> -O roubo de cinco peles de leão que ostentou na metrópole, como resultado duma caçada perigosa em terras africanas.
> -O facto de ter, pessoalmente, esventrado cinco negros com o intuito de se certificar da dimensão do coração dos pretos. (KHOSA, 1987, p. 51-52).

3.2 Representações literárias

Ualalapi, narrativa híbrida, que mescla fontes históricas bem como excertos bíblicos, apresenta a sociedade dos ngunis em transformação: a tradição oral segue paralela à introdução da escrita no seio da família de Ngungunhana cujo primogênito, Manua, aprende a ler e a escrever.

O príncipe Mudungazi, futuro Ngungunhane, que era filho de Lozio, concubina preferida de Muzila, desejava o trono de direito a Mafemane e para alcançar tal propósito teceu pérfidos planos a fim de exterminar o concorrente, nomeando para o assassinato os

guerreiros Mputa, Manhune e Ualalapi. A preocupada esposa deste quer impedi-lo de praticar mais violência e vaticina infortúnio:

> -Estou com medo, Ualalapi. Estou com medo. Vejo muito sangue, sangue que vem dos nossos avós que entraram nestas terras matando e os seus filhos e netos mantêm-se nela matando também. Sangue, Ualalapi, sangue! Vivemos do sangue destes inocentes. Porque, Ualalapi? (KHOSA, 2013, p. 27-28).

Em uma reunião com seus guerreiros, Mudungazi comunica suas metas políticas e militares, a fim de eliminar o herdeiro legítimo e assegurar o seu direito de usurpador do trono. Em um discurso de caráter megalomaníaco e aterrorizante, ele se posiciona diante dos guerreiros de sua etnia:

> Há muitas e muitas colheitas que aqui chegamos com as nossas lanças embebidas em sangue e os nossos escudos fartos de nos resguardarem.
> Ganhamos batalhas. Abrimos caminhos. Semeamos milho em terras sáfaras. Trouxemos a chuva para estas terras adustas e educamos gente brutalizada pelos costumes mais primários. E hoje esta gente está entre vocês, Nguni! (KHOSA, 2013, p. 24).

Antes de ser entronizado, como Ngungunhane, o príncipe se jacta do poderio logrado pelos seus antepassados invasores que com táticas bélicas sangrentas ocuparam o território, colonizando, organizando a agricultura e educando os subjugados, considerados bárbaros. Convicto de seu poder incontestável e indivisível, ele acredita que jamais vai perder sua força, pois fora sacramentado por entes sobrenaturais que o acompanham e o conduzem para a realização de atividades claras e inequívocas:

> O poder pertence-me. Ninguém, mas ninguém poderá tirar-mo até a minha morte. Os espíritos poisaram em mim e acompanharam-me, guiando as minhas ações lúcidas e precisas. […] Os homens que não me conhecem, conhecer-me-ão. Não vou partilhar o poder. (KHOSA, 2013, p. 25).

Seus planos almejam um futuro promissor no qual será receado pelas suas ações e pelo seu nome que será outro -Ngungunhane- que tem o significado semelhante "tal como essas profundas furnas onde lançamos os condenados à morte!" (KHOSA, 2013, p. 25-26). O abismo, traiçoeiro e oculto é a metáfora para a nova nomeação que reflete as práticas violentas a serem utilizadas com os desafetos. Ele próprio se descreve como um governante detentor de um poder infinito que causará pavor aos súditos e que será temas de conversas e narrativas ao longo do tempo. Para alcançar tais metas, o novo soberano convoca seus

soldados aos preparativos militares para aplainar as metas, eliminando todo e qualquer tipo de obstáculo:

> O medo e o terror ao meu império correrão séculos e ouvir-se-ão em terras por vocês nunca sonhadas! Por isso, meus guerreiros, aguçai as lanças. Teremos que limpar, o mais urgente possível, o atalho por onde caminharemos, para que não possamos tropeçar com possíveis escolhos. (KHOSA, 2013, p. 25-26).

Ngungunhane segue a tradição de sua dinastia nguni, a de governar como um déspota, sendo temido por todos. No entanto, se deixa dominar por mulheres, como sua tia Damboia, que o critica duramente diante de seus guerreiros que tinham sido nomeados para matar Mafemane, mas que haviam dado a ele um prazo para se despedir de familiares. A princesa vocifera:

> -É esta a guarda de elite com que contas, Mudunganzi?...Uma cáfila de covardes, cães que só sabem ladrar. Que fidelidade jurastes para Mudungazi? Que fidelidade, seus cães?... Não, não me respondam, não tendes direito a palavra. Deveis ser entregues aos abutres.[...] E tu Mudunganzi, ainda tens coragem de dar guarida a cães que só sabem ladra? No teu lugar matava-os... Não percamos mais tempo com esses estúpidos. (KHOSA, 2013, p. 31).

Sua primeira esposa acusa Mputa de assédio sexual. Molungo, tio do rei, conhecedor do comportamento impróprio da rainha, tentou contornar a pena capital, sugerindo que o acusado fosse cegado. Por não ter culpa, Mputa recorre ao rito de ingestão do veneno mondzo: em caso de inocência do acusado a droga não faria efeito e, em consequência, o réu não morreria e seria liberto. De fato, ele não pereceu e, apesar disso e da sugestão de Molungo, Ngungunhane não recuou. Tirano, diante de seu povo, ele mandou matar o antigo membro da guarda real, baseado em uma única acusação de sua ardilosa mulher.

O rei rompe uma lei ancestral: a da celebração do *nkuia*, um ritual sagrado nguni, que ocorria uma vez ao ano e que consistia no sacrifício de um casal de jovem e de gado, como medida para revigoramento da tribo. A cerimônia "não se realizou, apesar de ser um ano de tumultos e guerras, por que a mulher da corte fora acometida por uma doença estranha". (KHOSA, 2013, p. 56-57). Tal medida, que assustou a todos, ocorreu por causa da enfermidade ginecológica de Damboia, tia real.

Estranhamente, ao invés de se sensibilizar com outros devido à angústia sentida pela doença de sua tia, Ngungunhane quer espalhar desespero e convoca seu comandante para atacar povos subjugados e disseminar dor e sofrimento:

> Eu quero que todos, mas todos, se compadeçam da nossa dor, e tu, Maguiguane, vai por essas terras espalhar a morte e a dor. Eu quero que todos, mas todos, se compadeçam com a dor que nos atacou. Ide guerreiros, que o império vos salvaguarda, agora e depois da morte. (KHOSA, 2013, p. 57).

O poder infinito de Ngungunhane, que julgava ser impartilhável e infinito, estava sendo questionado pelos portugueses que se preparavam para um embate militar mais efetivo contra o régulo nguni, enquanto que ele ordenava o ataque sem sentido aos chopes que já eram seus súditos. Seu exército adotara uma tática militar europeia: a de sitiar uma aldeia, apavorando mulheres, crianças e velhos. A técnica tradicional, entretanto, era o confronto entre homens em campo aberto.

Atraiçoado pelos próximos, cansados dos ataques lusos, o rei foi aprisionado pelos estrangeiros sem mostrar resistência. Resignado, fragilizado e trêmulo, o imperador destronado foi conduzido com séquito ao embarque para Lisboa. Em um último esforço, ele vocifera aos tsongas, enfatizando o atraso desse povo, antes imerso na escuridão da ignorância e atraso e depois conduzido pelas mãos redentoras nguni ao conhecimento e ao progresso:

> [...] podeis rir, homens, podeis aviltar-me, mas ficai sabendo que a noite voltará a cair nesta terra amaldiçoada que só teve momentos felizes com a chegada dos nguni que vos tiraram dos abismos insondáveis da cegueira e da devassidão. Fomos nós, homens, que vos tiramos da noite que vos tiraram da noite que vos tolhia à entrada ao mundo da luz e da felicidade. As nossas lanças tiraram as cataratas fossilizadas que ostentavam e os nossos escudos esconjuraram os males de séculos e séculos que carregavam no corpo putrefato. (KHOSA, 2013, p. 112).

Indômito, desesperado e incapaz de entender a causa de sua derrocada para os invasores portugueses, Ngungunhane reclama da ingratidão desses súditos, considerados traidores e, por isso, ele profetiza desgraças infinitas:

> E hoje, corja de assassinos e cobardes, ousais achincalhar-me com toda força dos pulmões rotos que tendes. É a paga, eu sei, dos bens que os nguni fizeram. Mas ficai sabendo, seus cães, que o vento trará das profundezas dos séculos o odor dos vossos crimes e viverão a vossa curta vida tentando afastar as imagens infaustas dos males dos vossos pais, avôs, pais dos vossos avôs e outra gente de vossa estirpe. (KHOSA, 2013, p. 112-113).

Deposto, capturado e prestes a abandonar seu império na condição de cativo dos estrangeiros, Ngungunhane descarrega sua fúria nos vassalos e conclui: "Os nguni que restarem voltarão à Zululândia, porque não suportarão a vossa cobardia, Tsongas sem espírito! (KHOSA, 2013, p. 123).

As representações sobre o último imperador de Gaza tecidas por ele mesmo o elaboram como um ser violento, sanguinário, incapaz de ter remorso e sensibilidade. Na visão de seu filho Manua, formado em artes e ofício, o pai era "ignorante e feiticeiro". Tratava-se de uma opinião escrita em diário, depois do jovem ter se tornado um assimilado que tinha se distanciado totalmente de sua cultura e religião:

> Quando eu for imperador eliminarei estas práticas adversas ao Senhor, pai dos céus e da Terra. Serei dos primeiros, nestas terras africanas, a aceitar e assumir os costumes nobres dos brancos, homens que estimo desde o primeiro dia que tive acesso ao seu civismo são. (KHOSA, 2013, p. 94).

Ao retornar à sua aldeia, Manua não consegue se adaptar e imerge no álcool, falecendo de maneira miserável. A versão de sua morte apontava para uma encomenda paterna:

> Manhune transmitira ao filho e ao neto que Manua fora envenenado pelo pai, pois era uma vergonha para os nguni ver um filho seu assimilar costumes de outros povos estrangeiros. E o pior, dizia Manhune, Manua parecia um chope, pois era subserviente aos portugueses. Matem-no na próxima oportunidade, disse Ngungunhana num dos encontros que teve com os maiores do reino. (KHOSA, 2013, p. 101-102).

CONCLUSÃO

A representação positiva de Ngungunhane, como lutador resistente ao colonialismo português, foi criada durante o governo de Samora Machel, que a partir de 1983, iniciou uma campanha para repatriamento dos restos mortais do último imperador de Gaza a qual foi encerrada, em 1985, com o lema "Ngungunhane regressa" (RIBEIRO, 2005, p. 269) e o enterro oficial. Catapultado a mito fundador da nacionalidade moçambicana, ele foi usado pelo governo que ocultou o terror disseminado pelo seu governo diante dos vassalos oprimidos, e contra essa mitologia política se colocou Ungulani Ba Ka Khosa.

O escritor moçambicano evoca em *Ualalapi*, publicado em 1987, distintas facetas da história e das memórias coloniais e pós-coloniais ao questionar o "endeusamento" de Ngungunhane, elevado ao patamar de herói nacional. No romance, as representações históricas e orais permitem uma detalhada reconstrução imagética da região de Gaza, nos onze anos do governo do déspota Ngungunhane, principalmente na época de agravamento do confronto político e geoestratégico entre Portugal e a Grã-Bretanha em solo africano, depois da Conferência de Berlim (1884 e 1885).

O narrador de Khosa dialoga com fontes escritas por portugueses e por um suíço que conheceram o rei pessoalmente, se apropria da tradição oral para reconstruir o perfil de Ngungunhane e insere um diário fictício que foi escrito por Manua, um dos filhos do rei.

Na linha analisada por Peter Burke em *Testemunha ocular*: história e imagem, as imagens, os textos e os testemunhos orais são formas de registro oculares de fatos históricos e podem refletir ideologias, conforme pode ser verificado em *Ualalapi*.

De um lado, cristalizam-se as representações sugeridas pelos documentos oficiais de funcionários civis e militares que participaram do cotidiano da corte e do cerco ao imperador que desafiou o rei de Portugal. Destacam-se os testemunhos oculares de dois europeus que conheceram Ngungunhane. O único relato positivo foi o de Ayres d´Ornellas que se emocionou com a beleza do hino de guerra dos guerreiros nguni e descreveu o impressionante rosto do imperador: "testa ampla, olhos castanhos e inteligentes e um certo ar de grandeza e superioridade" e sua arte discursiva, sua "argumentação lúcida e lógica". A exposição do Dr. Liengme foi fatal, pois ele destacou os excessos de bebida do rei e criticou sua política "falsa, absurda, cheia de duplicidade". (KHOSA, 2013, p. 11).

A questão da alteridade subjacente ao encontro de duas culturas -a nguni e a europeia-, no aspecto histórico, revelou o fascínio e o encanto sentidos por Ayres d´Ornellas e a repulsa e a rejeição exteriorizadas pelo Dr. Liengme. Os documentos dos militares que participaram do cerco e aprisionamento de Ngungunhane -Galhardo e Mouzinho Albuquerque- revelam o sentimento de superioridade deles que queriam humilhar o régulo o qual tinha firmado acordo político e econômico com a Grã-Bretanha.

De outro lado, no plano ficcional, as representações do rei foram geralmente negativas, conforme o relato do *griot* e de outras testemunhas que viveram na corte: na aldeia real e nas subjugadas; em aspectos do cotidiano e nos campos de batalha; nas ordens violentas do rei para eliminar inimigos próximos; na manipulação dele pela tia e pela primeira esposa; no desrespeito à tradição ancestral ao proibir o nkuia; no desprezo dele pelo filho, assimilado e alcoólatra, e na empáfia violenta antes de ser embarcado na diáspora no Atlântico.

O romance *Ualalapi* pode ser classificado como "metaficção historiográfica", conceito utilizado na obra *Poéticas do pós-modernismo*: História, teoria, ficção, de Linda Hutcheon: o narrador-autor ouviu vários testemunhos orais sobre a vida de Ngungunhane (polifonia), parodiou algumas fontes históricas e trechos bíblicos (intertextualidade) e acentuou, principalmente o imperador como arrogante, manipulável e inseguro diante daqueles que o enfrentaram. O contador de histórias ironizou sua aparência física: "[...] Mudungazi dirigiu-se à palhota grande, bamboleando as carnes fartas que pouco mudariam até à morte que teria em

terras desconhecidas [...].“, bem como o descreveu em sua intimidade em uma situação humanizada, distinta daquela altaneira que o rei costumava representar em eventos públicos: “O rei sonha alto, chama Vuiazi, agarra-se à enxerga ataviada, transpira, peida, tosse, ejacula”. (KHOSA, 2013, p. 26 e 76).

O narrador é um escritor que buscou na aldeia moçambicana os relatos de pessoas subalternas ligadas à corte de Ngungunhane, os quais contaram vários episódios sobre o régulo nguni, que embora tivesse poder econômico, político e militar no sul de Moçambique, era na engrenagem colonial um ser que deveria ser oprimido, capturado e encarcerado para limpar a honra de Portugal, humilhado pela Grã-Bretanha.

No artigo *Direito e moral em “Ualalapi”,* Esmeralda S. Martinez conclui que:

> Khosa nos transmite regras importantes da cultura angune de uma maneira simples, mas efetiva e real, contando episódios que aconteceram e que repensados, trabalhados, reinterpretados, transformaram o herói Gugunhana em apenas mais um que explorou e massacrou o povo africano, mas que, justo ou não, pois que esta não é a questão colocada em discussão, teve os seus atos todos legitimados, porque ele, como rei que era, detinha o poder, as suas leis, as suas ordens eram legais e, à época, não passíveis de discussão. (MARTINEZ, 2010, *on-line*).

Ualalapi suscita uma reflexão sobre as relações entre a literatura e a história, além das particularidades estético-formais, destacando a figura do protagonista histórico, o último imperador de Gaza, e suas relações de poder com as tribos subjugadas e com o português invasor. De altivo e violento com os súditos e inimigos, Ngungunhane se mostra na narrativa como um homem fraco e manipulável, influenciado por sua tia e a primeira esposa, de forma negativa.

Temido por todos, Ngungunhane somente foi desafiado por uma jovem mulher, Domia, que desferiu nele uma facada em vingança pela injusta morte de seu pai Mputo. Dessa tentativa frustrada de assassinato, o rei guardou em segredo uma cicatriz na perna. No romance destaca-se a representação final da derrocada política e pessoal real, concretizada nas mostras viscerais de sua vulnerabilidade diante do aprisionamento e na partida final para o exílio perpétuo nos Açores.

ABSTRACT: This paper was carried out to compare the several features of Ngugunhane’s saga (c. 1850-1906), the last king of Gaza, protagonist of *Ualalapi* (1987), by UngulaniBa Ka Khosa from Mozambique, during his violent reign (1884-1895), who was being challenged by the Portuguese, worried about the geostrategic interest of Great Britain. The paper is justified, since Ungulani wrote the novel to question the ideology of the FRELIMO government, which tried to unite the country around the king’s mythical representation (1985), who was subjugated by the Portuguese and died in exile, in the Azores, forgetting that he was himself

an invader of Southern Mozambique. In the paper based on Hutcheon's "historiographic metafiction" theory and Burke's image theory one comes to the conclusion that within the context of post-colonial Mozambique a literary text such as *Ualalapi* may be used as a reference to a critical reflection on the process furthered by Machel's governement for turning him into a hero.

KEYWORDS: Mozambique literature; *Ualalapi*; historiographic and image metafiction.

REFERÊNCIAS

BRETES, Maria da Graça. Arqueologia de um mito: A derrota de Gungunhana e a sua chegada a Lisboa. *Penélope*: Fazer e desfazer a História, n. 2, p. 76- 95, fev. 1989.

BRUNSCHWIG, Henri. *A Partilha da África Negra*. Trad. de Joel J. da Silva. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006. (Coleção Khronos; 6).

BURKE, Peter. *Testemunha ocular*: história e imagem. Trad. de Vera Maria Xavier dos Santos e revisão técnica Daniel Aarão Reis Filho. Bauru, São Paulo: Edusc, 2004.

CABAÇO, José Luís. *Moçambique*: Identidade, colonialismo e libertação. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

HUTCHEON, Linda. *Poéticas do pós-modernismo*: História, teoria, ficção. Trad. de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

KHOSA, Ungulani Ba Ka. *Ualalapi*. Belo Horizonte: Nandyala, 2013.

MATHE, Alberto. Samora em diálogo com Ngungunhane: a metáfora dessacralizadora da figura herói em *Ualalapi*. *Forma breve*, v. 9, n. 9, p. 319-328, dez. 2012. Disponível em: <revistas.ua.pt/index.php/formabreve/article/download/2348/2207>. Acesso em: 11 nov. 2013.

MARTINEZ, Esmeralda S. Direito e moral em "Ualalapi". *Revista África e Africanidades*, ano 2, n. 8, fev. 2010. Disponível em: <www.africaeafricanidades.com>. Acesso em: 11 nov. 2013.

MEMÓRIA GUNGUNHANA: Um herói para Moçambique. Grandereportagem 190, 28 de agosto de 2004. Disponível em: <http://macua.blogs.com/moambique_para_todos/files/GungunhanaGR2004.doc.>. Acesso em 11 nov. 2013.

MORENO, Helena W. Gungunhana em dois tempos. *Mouro*: Revista Marxista, ano 1, n. 2, p. 124-137, jan. 2010.

RIBEIRO, Fernando L. "*A invenção dos heróis*: Nação, história e discursos de identidade em Moçambique". Disponível em: <http://jorgejairoce.blogspot.com.br/2012/05/invencao-dos-herois-nacao-historia-e.html>. Acesso em: 11 nov. 2013.

SANTOS, Gabriela Aparecida dos. *Reino de Gaza*: O desafio português na ocupação do sul de Moçambique (1821-1897). 2007. Dissertação (Mestrado em História), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

VILHENA, Maria da Conceição. *Gungunhana em seu reino*. Disponível em: <http://www.macua.org/gungunhana/introducao.html>. Acesso em: 11 nov. 2013.

_____. Quatro prisioneiros africanos nos Açores. *Arquipélago*: História. 2ª série, v. 1, n. 2, p. 259-279, 1995.

ICONOGRAFIA. Figura 1- O imperador Ngungunhane com a sua coroa de cera e bastão (1896). Disponível em: <http://delagoabayword.wordpress.com/2010/03/02/mousinho-e-gungunhana-1896/>. Acesso em: 11 nov. 2013.